



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

## Ecoteologia e libertação: um deslocamento de cunho sapiencial

*Ecotheology and liberation: a sapiential shift*

*Ecoteología y liberación: un cambio sapiencial*

**Eugênio Rivas<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-4900-2499](https://orcid.org/0000-0003-4900-2499)

[eugenio.rivas@icloud.com](mailto:eugenio.rivas@icloud.com)

**Vinicius Pimentel**

**Baquer<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-8619-6109](https://orcid.org/0000-0002-8619-6109)

[vbaquer@hotmail.com](mailto:vbaquer@hotmail.com)

**Recebido em:** 24/05/2022.

**Aprovado em:** 12/06/2022.

**Publicado em:** 06/09/2022.

**Resumo:** O presente trabalho objetiva-se em apresentar a modalidade na qual se estatui o discurso próprio da ecoteologia e que lhe dá legitimidade. Parte-se da Teologia da Libertação latino-americana como condição para o surgimento da ecoteologia em chave libertadora. Em seguida, pergunta-se pela episteme própria da ecoteologia, sua constituição, as mediações pré-teológicas, a transdisciplinaridade, seu estatuto teológico para, por fim, apresentar o modelo sapiencial como adequado para o "fazer e comunicar" da ecoteologia.

**Palavras-chave:** Teologia. Ecoteologia. Teologia da Libertação. Sabedoria.

**Abstract:** The present work aims to present the modality in which ecotheology is established and which gives it legitimacy. It starts with the Latin American Liberation Theology as a condition for the emergence of ecotheology in a liberating key. Then, it asks about the episteme proper to ecotheology, its constitution, pre-theological mediations, transdisciplinarity, its theological statute to, finally, present the wisdom model as the adequate for the "doing and communicating" of ecotheology.

**Keywords:** Theology. Ecotheology. Liberation Theology. Wisdom.

**Resumen:** El presente trabajo tiene como objetivo presentar la modalidad en que se instaura la ecoteología y que le da legitimidad. Se parte de la Teología de la Liberación latinoamericana como condición para el surgimiento de la ecoteología en clave liberadora. Luego, se pregunta por la episteme propia de la ecoteología, su constitución, las mediaciones preteológicas, la transdisciplinariedad, su estatuto teológico para, finalmente, presentar el modelo sapiencial como adecuado para el "hacer y comunicar" de la ecoteología.

**Palabras clave:** Teología. Ecoteología. Teología de la Liberación. Sabiduría.

### Introdução

Em 1995, Crutzen, o holandês vencedor do Nobel de química, afirmou que o mundo entrava em uma nova era geológica, a qual deu o nome de antropoceno. O termo popularizou-se e, apesar das discussões dos geólogos a respeito de atribuir ou não o conceito à geologia, fato é que expressa com exatidão este novo período em que a existência de todo o mundo está fortemente marcada pela ação humana. Segundo Crutzen, três são as características do antropoceno: a crescente industrialização, o aumento exponencial da população e as novas formas de produção e consumo em escala global. O antropoceno em sua nova forma de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

<sup>1</sup> Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

relacionar-se com o mundo gera desgastes irreparáveis em todo o planeta de maneira tal que a vida, como é conhecida, está em constante ameaça de extinção.<sup>2</sup>

Crutzen não está sozinho em sua jornada. O movimento ecológico surge do espanto do ser humano diante do horror de suas ações contra a sua própria existência e a existência de todos os seres. A ecologia ganha força a partir do final dos anos 80 e começo dos anos 90, sobretudo pelo clima de incertezas da Guerra Fria e o crescente medo de guerra nuclear. Organizações internacionais começaram a pressionar as grandes empresas e governos para a adoção de políticas públicas que visassem a preservação da natureza, a despoluição de rios e oceanos, diminuição de lixo e o controle do carbono.

A Igreja não está alheia às críticas e às influências desse momento histórico. Acusada diversas vezes de corroborar com a destruição do planeta por seu discurso de "dominar a terra", toda a comunidade eclesial vê-se corresponsável e solidária na luta pela dignidade da criação. A teologia é questionada, as Escrituras são revisitadas e uma nova forma de pensar e fazer teologia surge diante do grito do planeta.

A ecoteologia surge na encruzilhada dos problemas ambientais que questionam a fé e dela exigem uma postura. Ecoteologia não se resume em uma "teologia verde" que vise organizar a "ordem" das coisas. Antes, munida de uma forte hermenêutica de libertação, embrenha-se numa redescoberta de cunho sapiencial do Mistério de Deus que se faz presente em sua criação, o planeta. A ecoteologia persegue um caminho sapiencial cuja principal intenção não se constitui em um saber teórico, mas uma senda para a vida, um saber prático, uma sabedoria de vida, uma espiritualidade.

Assim sendo, o presente artigo objetivar-se-á em apresentar de que maneira a ecoteologia, no contexto da América Latina, estatui-se como

uma ecoteologia de caráter sapiencial e libertadora. Para tanto, a primeira parte procurará compreender de que maneira se faz teologia no contexto latino-americano. A segunda parte visa reconhecer a episteme própria da ecoteologia como um deslocamento<sup>3</sup> da Teologia da Libertação latino-americana. A terceira, por fim, procurará estabelecer de que maneira a ecoteologia apresenta-se como um caminho sapiencial.

## 1 O surgimento de uma teologia eminentemente latino-americana

Falar em teologia é, em primeiro lugar, falar de um discurso crente. Gustavo Gutierrez afirma que a teologia é um "ato segundo" (1971, p. 138). Com isso, procura demonstrar que o ato primordial é o da fé vivida. A teologia, por sua vez, surge diante das perguntas que brotam da fé e para a fé se voltam. Juan Luis Segundo afirmou que a fé é o âmbito dos valores, a "estrutura de sentido" (1977, p. 5-14). A operatividade de tais valores, a concretude de tais estruturas, por sua vez, são definidas pelo referido autor como "ideologia".

Uma vez definida a teologia como reflexão que brota da fé para a fé, resta-nos perguntarmos sobre a incidência real da reflexão teológica. A fé como o conjunto de valores e estrutura de sentido é questionada pelas circunstâncias dos tempos e, ao mesmo tempo, questiona os tempos a respeito dos caminhos que são tomados. A teologia, por sua vez, nasce dos contextos em que se encontra. Ela busca, na fé, respostas aos questionamentos e inquietudes surgidos no presente contextual.

A teologia, na América Latina, surge do questionamento à fé lançado pelo grito dos pobres. A experiência bíblica do Deus libertador questionava a situação de dominação dos países do "terceiro mundo". Os contextos da América Latina impulsionaram os teólogos e teólogas a haurirem da fé novas perspectivas e respostas para as perguntas levantadas. Assim, a libertação torna-se,

<sup>2</sup> CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. O antropoceno. *Piseagrama*, Belo Horizonte, 6 nov. [2015]. Disponível em: <https://piseagrama.org/o-antropoceno>. Acesso em: 10 jun. 22.

<sup>3</sup> O deslocamento, na perspectiva que se apresentará, é compreendido enquanto inserção de um novo eixo epistemológico dentro da grande compreensão da Teologia da Libertação. Segundo o que será proposto, o desdobramento seria uma "subárea", enquanto o deslocamento constitui uma nova perspectiva dentro da epistemologia da Teologia da Libertação.

nas palavras de Susin, "não um campo da teologia, mas uma ótica pela qual se reinterpreta toda a teologia" (2013, p. 1681), visto que a "Teologia da Libertação nasceu do desafio que representa para a fé a pobreza desumana existente na América Latina e no Caribe"(GUTIÉRREZ, 1998, p. 29).

Gutierrez define teologia, na América Latina, como "reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra de Deus". (2000, p. 71) Por sua vez, a crítica dos processos históricos leva o crente a confrontar-se com as situações de pobreza e dominação presentes no continente. Essa grande parte da população latino-americana que sofre e grita por libertação conduziu os bispos da América Latina, em 1968, na conferência de Medellín, a proclamar a preferência pelos setores mais pobres e necessitados e, em 1979, em Puebla, a definir a "opção preferencial pelos pobres". Os pobres, com efeito, são reconhecidos como o Povo de Deus na América Latina e, por isso mesmo, um verdadeiro "lugar teológico".

Além de lugar teológico, a Teologia da Libertação foi fundamental para reconhecer o pobre como "sujeito eclesial", isto é, aquele que faz e legitima a autoridade da Igreja. Como uma advertência viva e constante, os pobres recordam a Igreja do desejo de seu Senhor. A fidelidade a Cristo não se mede pelas correntes filosóficas que sombreiam as teologias, mas do juízo do próprio Cristo expresso sobremaneira em Mt 25. A Teologia da Libertação ao recuperar o pobre como lugar teológico e sujeito eclesial elege-o como quem deve falar, como aquele que se faz critério para a fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo no tempo presente. Deve fazer ressoar seu grito que rompe com o silêncio ensurdecido da dominação e exclusão e fazer perceber as profundas discrepâncias entre a fé professada e a realidade vivida. A inversão epistemológica que a Teologia da Libertação promove é a proclamação de que a práxis precede às ideias, as alimenta

para, deste modo, fazer-se práxis.

Foi essa inversão epistemológica que ocasionou as duras repressões por parte da Igreja e grupos hegemônicos à Teologia da Libertação. Susin apresenta que tal perspectiva foi rapidamente associada à segunda onda do iluminismo<sup>4</sup>, de cunho marxiano. Ainda que as afinidades existam, não se pode, contudo, confundir a doutrina marxista com a perspectiva da Teologia da Libertação. Existem pontos inconciliáveis e que, por isso mesmo, nem sequer são tocados nas reflexões dos teólogos latino-americanos. De maneira bastante sucinta, pode-se dizer que o método da Teologia da Libertação baseia-se em três pontos fundamentais: 1) a mediação socio analítica (ver); 2) a mediação teológico-bíblica (julgar); 3) a mediação prática (agir). Esta tríplice perspectiva adotada oficialmente pelo magistério latino-americano em Medellín e recuperada em Aparecida, é o instrumental fundamental que possibilita que a teologia cumpra com seu papel, isto é, responder aos apelos lançados à fé pelos contextos e transformar os contextos à luz da fé.

O final da década de 1980 e início de 1990 marcaram profundas transformações no cenário global. A queda do socialismo real e o avanço do neoliberalismo significaram, também, profunda crise para a própria Teologia da Libertação. Apesar de, conforme vimos, ser verdadeiramente uma teologia independente de qualquer sistema político ou social de cunho marxista, ela foi rapidamente identificada com as perspectivas marxistas, o que ocasionou um profundo ar de desconfiança tanto da hierarquia, quanto dos setores mais conservadores dentro da Igreja Católica, resistentes às reformas do Vaticano II. Tão rápido possível, pretensamente declarou-se a morte da Teologia da Libertação.<sup>5</sup> Clodovis Boff, contudo, faz perceber que, ainda que como um bloco, a Teologia da Libertação já não seja mais identificada, suas principais intuições foram absorvidas pela Igreja

<sup>4</sup> Susin apresenta as duas ondas do iluminismo. A primeira consistiria na compreensão eminentemente teórica cujo baluarte seria Kant. A segunda onda, por sua vez, teria o caráter eminentemente prático, de cunho marxiano, onde "as mãos que trabalham modelam a cabeça que pensa" (SUSIN, 2013, p. 1685).

<sup>5</sup> "Desde seus inícios, a Teologia da Libertação se defronta com crônicas que anunciavam sua morte ou a davam, de fato, como morta. Para esses cronistas, se trataria de uma teologia *non nata*, no sentido literal do termo. Parece que, nesse caso, decretar sua morte equivaleria a não reconhecer sua existência de fato e de direito. Em outras palavras, para não se deixar confrontar pela interpretação posta pela Teologia da Libertação, prefere-se decretar sua morte" (RIVAS; TAVARES, 2016, p. 223).

institucional, o que, em suas palavras, significa uma existência difusa (1996, p. 103).

Carlos Gilberto Bock, ao analisar os novos cenários que se desfraldavam na década de 1990, propõe pensar a diferença entre desdobramentos e deslocamentos em relação à Teologia da Libertação. O primeiro destaque que o referido autor apresenta é, justamente, a ênfase contextual que é própria da Teologia da Libertação. Se o contexto muda, obviamente a produção teológica sofrerá mudanças. Essas mudanças, contudo, podem decorrer de um progresso lógico do processo que se empreendia no confronto com os novos eventos (desdobramento), ou a existência de uma "ampliação do arco hermenêutico" proporcionado pela emergência de novos sujeitos (deslocamento).<sup>6</sup>

O deslocamento não significa uma ruptura, mas antes, nas palavras de Bock, a inserção de um novo polo no eixo. O eixo fundamental da teologia da libertação, conforme vimos, consiste na opção preferencial pelos pobres. Contudo, o conceito de "pobre" precisou ser ampliado. Victor Codina, a respeito, afirmou que "da teologia do clamor e do grito deve-se passar a uma teologia dos pobres com rostos concretos e definidos" (1999, p. 181). Os novos rostos que se vislumbram ampliam o conceito social de pobre. As teologias negras e feministas irrompem na discussão e clamam por libertação. Também o movimento ecológico ganha espaço na discussão teológica ao compreender que o planeta terra, como realidade viva, sofre uma exploração sem precedentes.

## 2 A opção pelos pobres e a opção pela terra

Conforme visto, a Teologia da Libertação Latino-americana conhece um duplo movimento de desdobramento e deslocamento. A emergência dos "rostos concretos" dos pobres viabilizou um alargamento hermenêutico da opção pelos

pobres. Os pobres aqui já não são somente uma classe social, mas grupos que estavam à margem e que, agora, gritam por libertação. Além disso, as questões ecológicas questionam as formas de produção e o estilo de vida das sociedades. A terra grita por libertação. Também a fé é questionada por este grito, afinal, por vezes o discurso de "dominar" foi motivo para explorações inimagináveis.<sup>7</sup>

A pergunta que resulta, afinal, é de que maneira a "opção pelos pobres" pode ser compreendida à luz da teologia atual. Será que ainda convém, diante dos novos desafios impostos à reflexão teológica, principalmente da parte da ecologia, falar de uma opção pelos pobres como motivo da reflexão e de uma práxis transformadora da Igreja?

José Maria Vigil apresenta uma distinção oportuna entre "princípio teológico" e "princípio teológico". O primeiro relaciona-se com Deus mesmo. Assim sendo, a opção preferencial pelos pobres, como princípio teológico, é uma realidade constante e insuperável, pois é a opção do próprio Deus, conforme revelado nas Sagradas Escrituras. O princípio teológico, por sua vez, está determinado pela situação histórica. É o esforço da teologia por responder aos apelos emergentes dos tempos atuais (VIGIL, 1994, p. 209). O deslocamento retratado por Bock, segundo nossa opinião, situa-se justamente no princípio teológico. É a inserção de um novo polo no eixo fundamental. Na evangélica e teológica opção pelos pobres, os "novos rostos" dos pobres são inseridos em toda a sua vitalidade, clamores e independências.

Na década de 90, novos temas teológicos emergentes, referendados pelos respectivos novos sujeitos, deram origem a *novos enfoques teológicos*, os quais mantêm com a TdL um vínculo de identificação, mas preservando a autonomia e as ênfases específicas. Permanece, assim, a ênfase no pobre como lugar epistêmico fundamental para a teologia,

<sup>6</sup> BOCK, Carlos Gilberto. *Teologia em mosaico: o novo cenário teológico latino-americano nos anos 90. Rumo a um paradigma ecumênico crítico*. 2002. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2002.

<sup>7</sup> Francisco, em sua catequese do dia 21 de maio de 2014 alertou para aquilo que ele chamou de "atitudes excessivas ou erradas" no que diz respeito à criação. A primeira atitude diz respeito a considerar a criação como uma propriedade (nossa ou de alguns poucos). A segunda é o risco de "pararmos nas criaturas", isto é, compreendê-las como um "fim em si mesmo" (FRANCISCO. Audiência Geral. In: *Vatican*. Vaticano, 21 maio 2014. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco\\_20140521\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20140521_udienza-generale.html). Acesso em: 14 abr. 2022.)

porém, levando-se em conta a diversidade e a alteridade dos sujeitos envolvidos nas diferentes práticas de libertação (BOCK, 2002, p. 117, grifo do autor).

O rosto da terra fez-se ver nos últimos anos com o "despertar ecológico" originado ante o espanto causado pela exploração desenfreada dos "recursos naturais". O discurso ecológico ganha espaço e urgência no debate público. Contudo, ecologia não é um termo unívoco. Segundo Murad, deve-se considerar ecologia como um "pluriverso que abarca ao menos três componentes: ciência, prática social e paradigma" (2016, p. 21). O "despertar ecológico" traz em si um apelo verdadeiramente integral: é preciso, com base nas constatações dos dados das ciências, repensar a relação do ser humano com o planeta (seres bióticos e abióticos) e instaurar uma verdadeira práxis renovadora que salvguarde a existência e dignidade do "ambiente", que é muito mais que a fauna e flora (DIAS, 2002, p. 32).

Félix Guattari, já em 1988, chamava atenção para as "três ecologias"<sup>8</sup>, isto é, a ambiental, a social e a mental. Estas três ecologias compõem o todo do discurso ecológico que, no pontificado de Francisco, foi gentilmente chamado de "ecologia integral". Tal perspectiva elucida que a interconexão de todas as coisas existentes é real e, por isso mesmo, são interdependentes. Todos os seres, mesmo os abióticos, compõem um todo vital. A Terra é criatura viva e sua vida está, justamente, manifestada na unidade de todas as coisas e em cada uma delas. O ser humano, nesta perspectiva, é uma das partes que compõem esse todo vivente, mas não é nem maior, nem menor. Isso, de maneira alguma, ocasiona uma redução de sua importância. O reconhecimento da interconexão está atrelado à compreensão de que cada um dos componentes do todo criado possui sua própria função, missão e destinação. Ao ser humano compete cuidar e guardar a criação. O equilíbrio do planeta encontra-se, justamente, na união profícua de todas as partes que o compõe.

As sociedades humanas, a depender de seu

momento histórico, aprenderam a conviver de maneira ordenada com a natureza. Diversas religiões, ditas naturais, estavam em constante relação com as forças da Terra e do cosmo e estabeleciam com elas uma relação de dependência, reverência e temor. A irrupção do antropocentrismo corrompido foi fragilizando a relação do ser humano com o mundo que o rodeava. Na busca pela autonomia, o ser humano foi objetificando o mundo ao seu redor. "O antropocentrismo considera o ser humano rei/rainha do universo. Considera que os demais seres só tem sentido quando ordenados ao ser humano; eles estão aí disponíveis ao seu bel-prazer" (BOFF, 2000, p. 29).

A utopia dos "recursos naturais ilimitados" foi derrotada pela realidade. Os desmandos humanos sobre a natureza cobram o seu preço com as mudanças climáticas, catástrofes ambientais, mudanças no ciclo das chuvas, secas históricas etc.

Toda a Terra foi reduzida a ser capital natural, um conjunto de recursos para a acumulação e benefício, primeiro para os setores que detinham a propriedade privada destes recursos e em segundo plano para os outros. E os trabalhadores foram reduzidos a capital humano. O resultado atual é devastador. As relações sociais hoje, a nível mundial, são de grande destrutividade da natureza e de grande exclusão social. Predomina uma relação injusta e humilhante diante da Terra [...] Grita a Terra e gritam os pobres, ambos vítimas da injustiça social e da injustiça ecológica (BOFF, 2015, p. 109).

O grito dos pobres e o grito da Terra se encontram e se assemelham. As realidades que oprimem os pobres e os mantêm na situação de pobreza são as mesmas que devastam a terra e colocam em risco toda a casa comum. Ao final, o grito da Terra e o grito dos pobres se encontram unidos pela compreensão da ecologia integral, onde o ser humano, como um "filho da terra", inteiramente unido e integrado a ela, manifesta-se como a "sua expressão autoconsciente" (MURAD, 2016, p. 211).

A ecoteologia surge, portanto, como um discurso sobre a fé e a partir da fé no contexto da ecologia integral. A Terra é lugar teológico

<sup>8</sup> GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1988.

proeminente pois, esse imenso organismo vivo que chamamos mundo é obra bondosa de Deus criador, ao mesmo tempo é lugar onde o próprio Deus vem habitar pelo mistério da encarnação e destino último de toda a realidade criada, quando, por ocasião da consumação definitiva, forem estabelecidos "novos céus e nova terra" (Ap 21,1). Ecoteologia não é uma disciplina teológica, muito menos um aspecto da moral, mas um "modo" de fazer teologia.

Na América-Latina, contudo, a ecoteologia torna-se uma ecoteologia da libertação, na medida que compreende que o sujeito e o objeto da reflexão estão intimamente imbricados e são, de todo, indissociáveis. A ecoteologia caminha para uma unidade entre teologia, ciências, culturas, políticas e ideologias. Leonardo Boff aponta que o paradigma da ecoteologia consiste num "panenteísmo", que, segundo ele, diversamente do panteísmo, consiste em afirmar que Deus está presente em todas as coisas, mas não se identifica com todas as coisas. Em tudo há Deus, mas Deus não é tudo, o que seria um panteísmo.

No panenteísmo como expressão do novo paradigma ecológico, compreende-se que a Terra, como criatura viva, está sempre referida a Deus, de maneira que todo pecado contra a Terra é um pecado contra Deus. Por sua vez, toda a teologia é revisitada pelo novo paradigma, pois a unidade do ser humano com toda a realidade criada exige a superação de um antropocentrismo teológico pervertido. Na perspectiva de Leonardo Boff "o Espírito Santo ganha acento especial, pois Deus está em tudo e tudo está em Deus pelo Espírito Santo" (COSTA JUNIOR, 2009, p. 58). Victor Codina, de igual maneira, apresenta que "a Pneumatologia não só permite se abrir à pluralidade dos dons, carismas, culturas e religiões, mas ela fundamenta a fé e a esperança do povo crente, em especial dos pobres" (2016, p. 240).

A ecoteologia não renuncia ao rigor próprio de toda pesquisa, contudo, seu primeiro e principal interlocutor não é o acadêmico. É um modo de fazer teologia a partir da realidade, do mundo. A metodologia segue exatamente a proposta pela Teologia da Libertação e, por isso mesmo,

não se dissocia em absoluto desta. Ver, julgar e agir continuam a fundamentar a reflexão, sendo que, agora, junto ao ver, abre-se um espaço às "mediações hermenêuticas pré-teológicas", que, no caso, são as contribuições das ciências ambientais. Estas auxiliam no processo do ver, ao chamar a atenção para a realidade, mas não se detém aí, participam igualmente dos dois processos do julgar e agir. No julgar apresentam-se como postura crítica às cristalizações teológicas e leituras fundamentalistas que corroboram com o *status quo*. No agir, apontam os caminhos da viabilidade e sustentabilidade.

A ecoteologia é verdadeiramente teologia não por assemelhar-se ao discurso eclesiástico ou justificá-lo, mas por ressaltar, defender e propagar a real dignidade de toda a criação como obra de Deus, viva e vivificada pelo Espírito criador. Assim, a ecoteologia procura estabelecer um diálogo transdisciplinar, multicultural e multirreligioso. Sua perspectiva rompe com as afirmações lógicas e precisas dos círculos acadêmicos e dogmáticos. Sua perspectiva é da ordem de uma nova cosmologia onde o Espírito de Deus é quem vivifica o mundo, como se dele fosse a sua alma, que se encontra difuso em todas as partes e nenhuma parte o detém. A ecoteologia descobre Deus e o mundo numa "transparência" recíproca. Esta "transparência" que permite vislumbrar as realidades, uma na outra, não pode simplesmente ser definida em conceitos estáticos, pois o universo em cosmogênese é vivo e em constante evolução. Assim, o discurso da ecoteologia abre-se à uma perspectiva mais narrativa-existencial-sapiencial.

### 3 Uma perspectiva ecológico-sapiencial

O Antigo Testamento conhece um fenômeno literário chamado sapiência que tem sua expressão máxima no período da dominação helênica, por volta dos anos 332 a.C. A sapiência não é uma realidade única e exclusivamente de Israel, nem muito menos do período citado. O texto bíblico ressalta que Salomão é o grande rei sábio e que instituiu escolas em Israel. Além do mais, egípcios e babilônicos, de igual maneira, desenvolveram

uma literatura sapiencial. Contudo, a sapiência de Israel é deveras singular pela sua característica de releitura de toda a história dos antepassados. Sua perspectiva fundamental é aquela do homem inserido no mundo, na quotidianidade. Sua sabedoria é prática e universal. São aforismas oriundos de uma percepção atenta da realidade que é codificada em sentenças, parábolas, alegorias, histórias e narrativas. Sua autoridade, diferentemente da dos profetas, não se apoia no fato de ser uma revelação positiva de Deus, mas se impõem pela força da própria verdade e universalidade de suas observações.

A sabedoria dá sentido à vida do homem nas suas vicissitudes e relações com o mundo. "O Deus que fala por meio dos profetas e está presente no Templo e na Torá é igualmente o Senhor da vida cotidiana." (LORENZIN, 2020, p. 11). Já no Antigo Testamento os sábios de Israel compreenderam que não há uma diferença entre o Deus criador e revelador. Por isso mesmo, o mundo em sua totalidade é lugar de revelação. A sabedoria bíblica não é a *sophia* helênica. Não é um saber meramente intelectual, é um saber ativo, isto é, um saber fazer. Talvez seja por isso que não se fale em filosofia bíblica, mas em sabedoria. A sabedoria, portanto, estatui-se como um "estilo de vida".

A rápida passagem sobre a sabedoria veterotestamentária nos ajudará a compreender de que maneira a ecoteologia constrói sua própria epistemologia. Assim como a sapiência veterotestamentária é acolhida como verdadeira experiência de fé sem recorrer ao culto ou aos preceitos da religião, da mesma maneira a ecoteologia estatui-se verdadeiramente teologia, experiência que brota da fé e à fé se dirige, a partir da contemplação do mundo.

Os sábios acreditavam no Deus dos antepassados e no Senhor do êxodo, mas achavam-no encontrável também nos pequenos e grandes eventos da vida cotidiana. Um ouvido à escuta dessas palavras era considerado um culto tão agradável a Deus quanto a experiência litúrgica no Templo (LORENZIN, 2020, p. 177).

Francisco, em *Laudato Si*, conclama todos os homens e mulheres de boa vontade a escu-

tarem o clamor da terra e o clamor dos pobres (LS 49:53:117), para a edificação de uma ecologia integral. No capítulo 4 da referida encíclica, o Papa entende que a ecologia integral deve abarcar o universo como um todo, questionando o antropocentrismo moderno, os modelos de sociedade e consumo, a exploração da natureza e sua inseparável face social, isto é, a destruição da natureza gera situações de pobreza e miséria. No capítulo 2, por sua vez, apresenta o que chama 'Evangelho da Criação' onde repropõe a doutrina bíblica da criação em uma chave de leitura que corrige os desvios de uma leitura antropocêntrica. É enfática a observação de Francisco de que "a terra existe antes de nós" (LS 67) e que os outros seres vivos não existem para o ser humano, mas que "têm um valor próprio diante de Deus e, 'pelo simples fato de existirem, eles O bendizem e lhe dão glória'" (LS 69). A sapiência bíblica redescobre o mundo como o lugar da manifestação do amor de Deus, pois "o universo não apareceu como resultado duma onnipotência arbitrária, duma demonstração de força ou dum desejo de autoafirmação. A criação pertence à ordem do amor" (LS 77), por isso mesmo, deve ser contemplada com o mesmo espírito com que foi edificada.

O "Evangelho da Criação", com efeito, é a proposta de um olhar contemplativo sobre o mundo. Não o 'coisifica', mas acolhendo a diversidade de percepções, afirmações, experiências e estudos científicos, entende a 'sinfonia' do mundo criado como expressão de amor e vida. "Esta contemplação da criação permite-nos descobrir qualquer ensinamento que Deus nos quer transmitir através de cada coisa" (LS 85).

A ecoteologia procura, portanto, a superação do academicismo em vista de uma nova comunhão de saberes, por meio do estabelecimento de uma "eco-spiritualidade", que, na perspectiva de Leonardo Boff (2015), consiste em "sentir, amar e pensar como terra". Codina (2016), ao referir-se às perspectivas para a Teologia da Libertação fala em uma "teologia iniciática", isto é, de caráter mais vivencial e narrativo. O mundo não nos oferece conceitos, mas vivências, histórias. Assim, a "eco-spiritualidade" transcende as fronteiras

das religiões para transformar-se em perspectiva planetária, narrativa, sapiencial.

### Considerações finais

A teologia no século XIX e XX conheceu uma nova primavera em todo o mundo. Na Igreja católica, sobremaneira, destaca-se o evento do Concílio Vaticano II que abriu as portas da Igreja para o diálogo com o mundo moderno. A América Latina, em atenção aos sinais dos tempos, desenvolveu uma teologia que partia do clamor dos pobres. A Teologia da Libertação, elegendo o pobre como lugar teológico, desenvolve um processo de libertação integral dos pobres do continente latino-americano. A própria vida e missão da Igreja são reinterpretadas à luz dos clamores dos pobres que, não só lugar teológico, são constituídos verdadeiros sujeitos eclesiais. A mudança dos tempos e circunstâncias do continente latino-americano levou a Teologia da Libertação, por um lado, a uma crise, mas por outro, a ampliar seus horizontes sempre na perspectiva da libertação.

Clodovis Boff, com precisão, entende que a Teologia da Libertação, enquanto tal, encontra-se em toda a Igreja, não só latino-americana, mas mundial, em estado difuso. Novos gritos são lançados e novos sujeitos eclesiais questionam a fé no mundo de mudanças. Essas novas perspectivas não rivalizam nem olvidam a Teologia da Libertação, antes, atuam como deslocamentos epistemológicos que giram em torno da teológica, e por isso imutável, opção pelos pobres.

A ecoteologia insurge como o grito da terra por libertação. A Terra é acolhida na discussão teológica não como um objeto, mas como um verdadeiro sujeito. Seu grito, manifestado nas catástrofes ambientais e na mudança climática, é ouvido como um sinal dos tempos e interroga à fé sobre o cuidado com o jardim que Deus plantou. Sua existência se dá, portanto, não de um esforço acadêmico de estabelecer um diálogo das disciplinas tradicionais do currículo teológico com as questões ambientais, mas da urgência de pensar uma ecologia integral que envolve todas as sociedades, culturas e religiões. A Terra

é lugar da revelação de Deus em Jesus Cristo, mas ao mesmo tempo é também ela revelação da bondade de Deus. A ecoteologia visa o estabelecimento de uma ecoespiritualidade onde Deus e o mundo encontram-se numa relação de transparência.

Por seu caráter ecumênico, inter-religioso, transdisciplinar, multicultural e multisapiencial a ecoteologia não pode conformar-se com uma linguagem meramente acadêmica, precisa transformar-se em sabedoria de vida para que todos os seres vivos contemplem a harmonia da criação e tenham "vida em abundância" (Jo 10,10).

### Referências

- BOCK, Carlos Gilberto. Teologia em mosaico: o novo cenário teológico latino-americano nos anos 90. Rumo a um paradigma ecumênico crítico. 2002. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. Brasília: Letraviva, 2000.
- BOFF, Leonardo. In: LAMIN, João Eduardo; BARTEL, Márcio. Existir na casa comum. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, n. 72, p. 103-138, 2015.
- BOFF, Clodovis. A teologia da Libertação e a Crise de Nossa Época. In: BOFF, Leonardo et al. *A Teologia da Libertação: Balanço e Perspectivas*. Ática: São Paulo, 1996.
- CODINA, Victor. A Teologia Latino-americana na encruzilhada. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 31, n. 84, p. 181-200, maio/ago. 1999.
- CODINA, Victor. Nuevos desafíos de la Teología de la Liberación. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 2, p. 229-243, maio/ago. 2016.
- CRUTZEN, Paul J; STOERMER, Eugene F. O antropoceno. *Piseagrama*, Belo Horizonte, 6 nov. 2015. Disponível em: <https://piseagrama.org/o-antropoceno>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Iniciação à temática ambiental*. São Paulo: Gaia, 2002.
- FRANCISCO. *Laudato Si*. São Paulo: Loyola, 2015.
- FRANCISCO. Audiência Geral. In: *Vaticano*. Vaticano, 21 maio 2014. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco\\_20140521\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20140521_udienza-generale.html). Acesso em: 14 abr. 2022.
- GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1988.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.



GUTIÉRREZ, Gustavo. *Hacia una teología de la liberación*. Bogotá: Indoamerican press service, 1971.

COSTA JUNIOR, Josias da. *O Espírito Criador: a Ecologia na Teologia Trinitária de Jürgen Moltmann*. 2008. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LORENZIN, Tiziano. *Livros Sapienciais e Poéticos*. Petrópolis: Vozes, 2020.

MURAD, Afonso *et al.* *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016.

RIVAS, Eugênio; TAVARES, Sinivaldo S. A perene e irrenunciável tarefa de uma teologia libertadora. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 2, p. 223-228, maio/ago. 2016.

SEGUNDO, Juan Luis. *Teologia aberta para o leigo adulto: Graça e condição humana*. São Paulo: Loyola, 1977.

SUSIN, Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos? *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1678-1691, out./dez. 2013.

VIGIL, José Maria. O que fica da opção pelos pobres? *Perspectiva Teológica*, v. 26, n. 69, p. 187-212, 1994.

*Vinicius Pimentel Baquer*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Escola de Humanidades

Programa de Pós-Graduação em Teologia

Av. Ipiranga, 6681

Partenon, 90619900

Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*

---

## Eugênio Rivas

Doutor em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (PUG), em Roma, Itália. Mestre em Teologia pela Facultes Jesuites de Paris - Centre Sevres (CENTRE SEVRES), em Paris, França. Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Professor Associado da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte, MG, Brasil.

---

## Vinicius Pimentel Baquer

Especialista em Sagrada Escritura pelo Centro Universitário Claretiano (CLARETIANO), em Batatais, SP, Brasil. Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Mato Grosso (UNIFACC), em Várzea Grande, MT, Brasil. Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

*Eugênio Rivas*

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Av. Doutor Cristiano Guimarães

Planalto, 31720300

Belo Horizonte, MG, Brasil